

A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES NA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA POR CRIANÇAS E ADULTOS FALANTES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO¹

Lyara Kelly Paiva MAGNO²
Graduada em Letras-Inglês
Universidade Católica de Brasília

Carolina Coelho ARAGON³
Doutora em Linguística/University of Hawaii
Docente/ Universidade Católica de Brasília

RESUMO

Este artigo busca analisar a produção articulatória das oclusivas alveolares, [t] e [d], realizada por crianças e adultos falantes do português brasileiro em processo de aprendizagem da língua inglesa. A fim de verificar qual dos grupos etários produz com maior recorrência a palatalização, analisamos o desempenho de 18 crianças, com idade entre 9 e 12 anos, e de 16 adultos, todos maiores de 18 anos, por meio da aplicação de questionário e teste. O questionário coletou dados sobre as experiências dos informantes, e o teste dispôs de dez frases contendo, em posição final de sentença, uma palavra com a oclusiva alveolar surda [t] ou a oclusiva alveolar sonora [d] em contextos silábicos, de onset e de coda, que fossem propícios à palatalização. Nossa discussão foi embasada nos seguintes autores: Bettoni-Techio e Koerich (2006); Ellis (1994); Fromkin, Rodman e Hyams (2014); Krashen (1982); Lenneberg (1967) e Seara et al (2015). Como resultado, observamos que as crianças sobressaíram no percentual de acertos tanto nas palavras em posição de onset quanto de coda.

Palavras-chave: Fonética; Palatalização; Oclusivas alveolares; Português brasileiro; Língua inglesa.

Introdução

O fenômeno assimilatório da palatalização diz respeito à modificação na produção articulatória de um determinado som, de forma que ele seja realizado em uma região palatal.

¹ Artigo resultante de Trabalho de Conclusão de Curso. Orientadora Profa. Dra. Carolina Coelho Aragon.

² Endereço eletrônico: lyarakelly@gmail.com

³ Endereço eletrônico: carolinac.aragon@gmail.com

Considerando que a palatalização pode se apresentar como evento recorrente na realidade de falantes do Português Brasileiro (PB) aprendendo o Inglês como uma segunda língua (L2) / língua estrangeira (LE), este trabalho busca responder às seguintes perguntas: (a) “de que maneira e com que frequência crianças e adultos aplicam a palatalização sobre as oclusivas alveolares em determinados contextos linguísticos da língua inglesa (LI)?”; (b) “em qual das faixas etárias (crianças ou adultos) observa-se um maior número de ocorrência desse fenômeno de palatalização?”.

Dessa forma, elaboramos as hipóteses de que, tendo em vista as diferenças de organização no sistema fonológico de ambas as línguas, falantes do PB tendem a aplicar os padrões do Português à língua inglesa, transformando as oclusivas alveolares [t] e [d] em africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], respectivamente. Ademais, pressupomos que, em razão das crianças apresentarem uma habilidade mais apurada em realizar corretamente a produção articulatória dos sons (devido às características biológicas), elas produzem com menor frequência a palatalização dos fones [t] e [d] quando comparadas com os estudantes adultos.

Sendo assim, uma das razões que nos levaram a analisar esse tema é a sua pertinência para o campo científico, pois ele pode contribuir para o conhecimento de docentes e aprendizes da língua inglesa acerca do papel que os aspectos fonológicos têm no aprendizado do Inglês.

Finalmente, quanto à organização textual, o artigo está dividido em quatro seções. A primeira refere-se aos pressupostos teóricos trabalhados, apresentando o conceito de palatalização e seu contexto fonético, distinguindo as realizações fonéticas de [t] e [d] no Português e no Inglês, e elucidando questões sobre a Hipótese do Período Crítico e aspectos afetivos na aprendizagem. A segunda seção descreve a metodologia e os procedimentos adotados utilizada na pesquisa de campo. A terceira apresenta os resultados obtidos por meio da coleta de dados e constrói uma relação com o referencial teórico abordado. Por último, a quarta seção do artigo traz as considerações finais e as perspectivas futuras para demais pesquisadores interessados no assunto.

Pressupostos teóricos

A palatalização

A palatalização compreende-se como “[...] uma mudança no ponto de articulação para uma região palatal [...]” (FROMKIN; RODMAN; HYAMS, 2014, p. 341).^{4,5} Por meio do

⁴ Todas as traduções de citações em língua estrangeira neste trabalho são de nossa autoria.

fenômeno da palatalização, tem-se uma modificação na produção fonética natural de um determinado segmento de modo que o mesmo é realizado na altura da região do palato duro.

A emergência da palatalização é um evento assimilatório pelo qual, de acordo com Skandera e Burleigh (2005, p. 89), “[...] um som, geralmente uma consoante, se torna mais parecido ou idêntico ao seu som vizinho no que diz respeito a uma ou mais características distintivas”⁶. Dessa forma, no que concerne à palatalização, em especial dos fones [t] e [d], Bettoni-Techio e Koerich (2006) e Seara et al (2015) dizem que essa assimilação manifesta-se em ambientes fonéticos que contêm a vogal alta anterior não-arredondada [i] ou o glide [j], modificando os sons oclusivos alveolares [t] e [d] para africados alveopalatais [tʃ] e [dʒ], respectivamente.

Seguindo essa linha de raciocínio, palavras como *teacher* “professor”, *cut* “cortar” e *cat* “gato”, as quais são comumente pronunciadas como [ˈtɪtʃər], [kʌt] e [kæt], tendem a ser articuladas como [ˈtʃɪtʃər], [ˈkʌtʃɪ] e [ˈkætʃɪ] por falantes nativos da língua portuguesa. Da mesma forma, temos como exemplo as palavras *discovery* “descoberta”, *good* “bom”, e *bad* “ruim”, com transcrição equivalente à [dɪsˈkʌvəri], [gʊd] e [bæd], que são pronunciadas como [dʒɪsˈkʌvəri], [ˈgʊdʒɪ] e [ˈbædʒɪ], respectivamente.

À vista disso, Seara et al (2015, p. 151-152) justificam que esse fenômeno acontece, pois “[...] o posicionamento da língua para a emissão da vogal pode se sobrepor ao gesto consonantal da consoante adjacente”. Este fato reforça, assim, o princípio da facilidade máxima de articulação, que abrange a simplificação articulatória e a economia linguística (LADEFOGED, 1975, *apud* HERNANDORENA, 2001, p. 264). Este princípio tem por objetivo minimizar o esforço do falante durante a comunicação, facilitando e agilizando a produção articulatória dos sons, como acontece na palatalização.

As realizações fonéticas de [t] e [d]

As realizações fonéticas de [t] e [d] apresentam-se de modos distintos quando comparamos a língua portuguesa com a língua inglesa. Veremos adiante essas manifestações e as diferenças encontradas em cada uma dessas línguas.

No que concerne ao português brasileiro, os fones [t] e [tʃ], bem como [d] e [dʒ], são caracterizados como alofones, sendo, portanto, representações fonéticas possíveis dos fonemas /t/ e /d/, respectivamente (SEARA et al, 2015). A alofonia não implica em mudança de

⁵ [...] a change in place of articulation to the palatal region [...]

⁶ [...] whereby one sound, usually a consonant, becomes more like or identical with, a neighbouring sound regarding one or more of the distinctive features.

significado das palavras. Logo, um mesmo vocábulo pode vir a ser pronunciado de forma diferente, a depender do dialeto, sem que isso comprometa o sentido e a compreensão do discurso. Este fenômeno ocorre, por exemplo, com a palavra “tia”, a qual abrange as pronúncias [tʃia] e [tia], bem como com a contraparte vozeada representada pela palavra “dia”, sendo essa articulada como [dʒia] ou [dia]. Assim sendo temos a palatalização nas pronúncias de [tʃia] e [dʒia], uma vez que a presença da vogal alta anterior não-arredondada [i] condiciona o falante a realizar tal processo fonético. Novamente, por ser caracterizado como alofonia, não temos alteração de significado entre a pronúncia palatalizada e a não-palatalizada.

No PB, as produções dos alofones [t], [tʃ], [d] e [dʒ] são determinadas pelo contexto em que estes segmentos estão inseridos, ou seja, eles são condicionados por um ambiente fonético específico. Deste modo, tal característica indica que esses fones se encontram “[...] em distribuição complementar, já que as africadas são empregadas diante da vogal [i] e do glide [j], enquanto as plosivas [ou oclusivas] aparecem diante de qualquer outra vogal do PB” (MATZENAUER; MIRANDA, 2008, p. 113).

É interessante destacar que esse fenômeno, além de estar em distribuição complementar, é também resultado de uma variação dialetal, já que “[...] a palatalização ocorre principalmente no Centro-Oeste e no Sudeste, com menos incidência no Norte e Nordeste brasileiro.” (DUTRA; PAIXÃO, 2010, p. 17). Assim, no PB, “[...] /t/ e /d/ variam de acordo com o ambiente fonológico, caracterizando diferentes dialetos e, às vezes, idioletos.” (BETTONI-TECHIO; KOERICH, 2006, p. 2).⁷

Já na língua inglesa, a produção fonética dos segmentos oclusivos alveolares, [t] e [d], assim como dos africados alveolopalatais, [tʃ] e [dʒ], se apresenta de forma diferente do exposto anteriormente para a língua portuguesa. Isso pois, ao passo que, no português, os sons [tʃ] e [dʒ] são exclusivamente resultados de uma produção alofônica dos fonemas /t/ e /d/, no inglês, eles, além de alofones, são também unidades distintivas de palavras, isto é, fonemas.

No tocante à alofonia, dentro do quadro das africadas [tʃ] e [dʒ] da língua inglesa, Celce-Murcia et al (2010) afirmam que há a ocorrência da palatalização em situações, sobretudo, de discurso informal, quando em fronteira de palavra. Em tais situações, a tentativa dos nativos em falar inglês com mais “suavidade” implica na ação de *linking*, em que o falante conecta o som final de uma palavra com o som inicial da próxima palavra,⁸ como, por exemplo, em *I need you* “eu preciso de você”, com transcrição semelhante à [aɪ nɪdʒju], acarretando a

⁷ [...] /t/ and /d/ vary according to the following phonological environment, characterizing different dialects, and sometimes, speakers' idiolects.

⁸ The ability to speak English “smoothly”, to utter words or syllables that are appropriately connected, entails the use of linking (or liaison), which is the connecting of the final sound of one word or syllable to the initial sound of the next.

pronúncia de [dʒ] no lugar de [d]. E, semelhantemente, em *I will visit you* “eu vou te visitar”, com pronúncia próxima à [aɪ wɪl ˈvɪzɪtʃju], temos a mudança da oclusiva alveolar [t] pela africada alveolopalatal [tʃ]. Nestes casos, a palatalização, quando aplicada entre dois vocábulos do inglês, não implicará em mudança de significado.

Por outro lado, o mesmo processo não será aceitável dentro de um mesmo vocábulo, em início ou final de palavra, pelo fato de os fones [t], [d], [tʃ] e [dʒ] constituírem fonemas, ou seja, “[...] unidades mínimas que distinguem palavras entre si [...]” (SEARA et al, 2015, p. 100).

Em conformidade com essa afirmação, Seara et al (2015) dizem que, ao aplicarmos o teste de comutação, ou seja, o teste de substituição de um som pelo outro, se alguma alteração na semântica da palavra for constatada, identifica-se os fonemas dessa determinada língua. Desta maneira, ao analisarmos palavras como [wʌtʃ] e [wʌt], concluímos que ambas se distinguem semanticamente, na medida em que ocorre a comutação do fone [t] pelo fone [tʃ]. Portanto, [wʌtʃ] refere-se ao verbo *watch* “assistir”, enquanto [wʌt] “*what*” - faz parte das *wh-questions* do inglês. Ademais, temos também as palavras [rɪd] e [rɪdʒ] dentro do mesmo processo, uma vez que, ao trocarmos a oclusiva alveolar pela africada alveolopalatal, há alteração no significado. Assim, [rɪd] refere-se ao verbo *read* “ler” e [rɪdʒ] condiz com o substantivo *ridge* “cume”.

A influência do Português sobre o Inglês

Após definirmos as características referentes às realizações fonéticas de [t] e [d] na língua portuguesa e na língua inglesa, é importante ressaltar os fatores internos e externos que circundam o aprendizado de uma segunda língua. Assim, discutiremos agora a influência da língua materna do falante (L1) sobre a L2⁹.

Tendo em vista as diferenças fonológicas, morfológicas e sintáticas que existem entre os sistemas linguísticos, muitos estudiosos têm se empenhado em pesquisar acerca do papel que a língua materna do falante exerce sobre a língua-alvo. De acordo com Ellis (1994), o processo de aquisição de uma segunda língua pode ser afetado pelo fenômeno conhecido como transferência linguística, em que características da L1 são incorporadas pelo falante na L2. Quando essa influência acarreta em erros de uso, frutos de uma diferença entre ambas as línguas, nos referimos, dessa forma, a uma transferência negativa ou interferência.

⁹ A Primeira Língua (L1) ou a Língua Materna é normalmente a língua que aprendemos primeiro em casa e também é geralmente a língua falada pela comunidade. Por outro lado, uma Segunda Língua (L2) diz respeito a qualquer outra língua aprendida após a língua materna, devido à necessidade de comunicação e socialização (SPINASSÉ, 2006).

No caso do fenômeno de palatalização, vimos que há uma clara discrepância na realização dos segmentos [t] e [d] no português e no inglês. O falante, por sua vez, ao admitir que na língua portuguesa os fones [t], [tʃ], [d] e [dʒ] são alofones dos fonemas /t/ e /d/, pode transferir equivocadamente a palatalização para dentro de vocábulos do inglês. Pois, de acordo com Bettoni-Techio e Koerich (2006, p. 2), “[...] os contrastes entre as estruturas silábicas do PB e do inglês, bem como a realização de processos alofônicos, podem levar os aprendizes de inglês a interpretar mal e pronunciar incorretamente os sons /t/ e /d/.”¹⁰

Contudo, como discutido, a palatalização na L2 só acontece por meio de *linking*, não sendo, desta forma, aceita no interior de palavras. Logo, possivelmente, nesses contextos, os “[...] erros ocorreram como um resultado de uma transferência negativa de padrões da língua materna para a L2 do aprendiz.” (ELLIS, 1994, p. 301).¹¹

Deste modo, a produção de [tʃ] e [dʒ] em determinados vocábulos da língua inglesa pode apresentar-se como um fator que contribui para a perda de inteligibilidade do discurso do emissor. Isto é, a permutação de [t] por [tʃ] em *eat* “comer”, transcrita como [it], provoca mudança no significado, fazendo surgir a palavra *each* “cada”, pronunciada como [itʃ]. De modo semelhante, [peɪd], *paid* “pago”, contendo a oclusiva alveolar, não é o mesmo que [peɪdʒ], *page* “página”. Ademais, nesses casos, os falantes, além de palatalizar, podem inserir a vogal [i] em razão da diferença de estrutura silábica entre o português e o inglês. Bettoni-Techio e Koerich (2006, p. 2) explicam que:

A produção de consoantes finais tem sido estudada com um interesse especial, pois as estruturas silábicas da língua inglesa são mais complexas do que as do PB, permitindo que as palavras terminem em obstruentes. A fim de simplificar a estrutura silábica do inglês, os aprendizes falantes do PB podem adicionar uma vogal epentética a uma obstruente final, transformando sílabas CVC em uma sequência CV.CV. No caso das oclusivas alveolares, eles também podem realizar a palatalização ou até mesmo produzir a palatalização em conjunto com a epêntese vocálica.¹²

Assim sendo, com o objetivo de evitar a quebra do padrão silábico da língua portuguesa, os falantes tendem a transformar o padrão CVC do inglês em uma sequência CV.CV,

¹⁰ [...] the contrasts between BP and English syllable structures and the operation of allophonic processes may lead learners of English to misunderstand as well as mispronounce final /t/ and /d/.

¹¹ Errors occurred as a result of the negative transfer of mother tongue patterns into the learners' L2.

¹² Final consonants production has been studied with special interest because English syllable structures are more complex than BP ones, allowing words to end in obstruents. In order to simplify the English syllabic structure, BP learners may add an epenthetic vowel to a final obstruent turning CVC syllables into a CV.CV sequence and in the case of alveolar stops they may also produce palatalization or even palatalization with vowel epenthesis.

adicionando a vogal [i] ao final de consoantes oclusivas e, conseqüentemente, produzindo a palatalização.¹³

Fatores influenciadores no processo de aprendizagem de L2 de crianças e adultos

Há abordagens inatistas de aquisição de linguagem que são importantes para a discussão desta pesquisa. A Hipótese do Período Crítico, proposta por Lenneberg (1967), por exemplo, afirma que a aquisição de uma L1 ou L2 deve acontecer até a fase da puberdade pois, após isso, essa competência tende a desaparecer. Isso porque, no período entre os 10 e 12 anos, ocorre a finalização do processo de lateralização hemisférica do cérebro. Essa lateralização, descrita por Lenneberg (1967), diz precisamente que as funções da linguagem controladas pelo hemisfério esquerdo podem sofrer uma espécie de atrofia devido ao desuso na infância. Logo, o falante, ao aprender uma língua após a puberdade, passa a utilizar o hemisfério direito que não está capacitado para receber tais habilidades, o que dificulta a aquisição de níveis altos de proficiência na linguagem (FERRARI, 2008).

No que concerne à aprendizagem de crianças e adultos, essa tese da lateralização corrobora a crença de que:

[...] os alunos na fase da pré-puberdade, em regra, atingem níveis mais elevados de proficiência na L2 do que os alunos adultos e, em geral, apenas os jovens iniciantes podem alcançar a competência nativa na L2. (MOSKOVSKY, 2001, p. 1).¹⁴

Em conformidade com essa afirmação, adentrando à área da fonologia, existem evidências de que crianças têm melhor desempenho ao produzir os sons da L2 em comparação com adultos, o que é comprovado por estudos que “[...] têm documentado a incapacidade dos adultos de discriminar os contrastes de fala que não existem em sua língua nativa” (EDWARDS; ZAMPINI, 2008, p. 44)¹⁵, o que pode justificar sua dificuldade em compreender o sistema fonológico da L2.

Indo além, para discutir a abordagem em relação aos fatores que influenciam o estudo de uma L2, Krashen (1983) distingue dois conceitos importantes: aquisição e aprendizagem. Segundo ele, a aquisição é um processo subconsciente responsável pela fluência na L2. Ao

¹³ A sigla CVC refere-se à estrutura silábica “consoante-vogal-consoante”. Já CV.CV diz respeito à sequência “consoante-vogal-consoante-vogal”.

¹⁴ [...] *prepubescent learners as a rule achieve higher levels of proficiency in the SL than adult learners and that generally only very young starters can hope to achieve native competence in the SL.*

¹⁵ *Several studies have documented the inability of adults to discriminate speech contrasts that do not exist in their native language.*

passo que a aprendizagem é um processo consciente que se dá por meio do conhecimento explícito das regras da língua em um ambiente de instrução formal. Ainda segundo o autor, uma competência efetiva na L2 é construída via *comprehensible input* mediante as habilidades de *listening* ou *reading*. Dessa forma, o *comprehensible input* é um ingrediente fundamental que permite ao aprendiz compreender significativamente a linguagem a qual está sendo exposto, mesmo que essa se encontre acima do seu grau de conhecimento.

Ademais, a eficácia da aquisição/aprendizagem de uma L2 é rodeada por variáveis afetivas que devem ser levadas em consideração. Krashen (1982, p. 31) afirma em sua hipótese do *Affective Filter* (Filtro Afetivo) que é necessário:

- (1) **Motivação.** Os alunos com alta motivação geralmente se desenvolvem melhor na aquisição de segunda língua (geralmente, mas nem sempre, "integrativa")
- (2) **Autoconfiança.** Os alunos com autoconfiança e uma boa autoimagem tendem a adquirir um melhor desempenho na aquisição de segunda língua.
- (3) **Ansiedade.** A baixa ansiedade parece ser favorável à aquisição do segundo idioma, seja ela ansiedade pessoal ou de sala de aula.¹⁶

Portanto, estudantes com alta motivação, autoconfiantes e com baixa ansiedade são capazes de desenvolver um processo de aquisição da linguagem sólido e eficaz. Por outro lado, aqueles com um nível alto de *affective filter* terão, como consequência, dificuldade em receber o *comprehensible input* necessário para a aquisição de L2, pois, devido ao bloqueio mental instaurado no aprendiz, o *input* não atingirá os pontos do cérebro responsáveis pela aquisição de língua (KRASHEN, 1982).

Metodologia

Escolhemos o método de pesquisa de cunho indutivo, objetivando: (1) analisar as oclusivas alveolares, [t] e [d], produzidas por crianças e adultos em processo de aprendizagem da língua inglesa; (2) inferir qual das faixas etárias produz com maior frequência a palatalização. Segundo Medeiros (2008), por meio deste método, o pesquisador tira uma conclusão genérica a partir de fatos particulares. Trabalhamos, pois, com fatos singulares com a

¹⁶ (1) *Motivation. Performers with high motivation generally do better in second language acquisition (usually, but not always, "integrative")*

(2) *Self-confidence. Performers with self-confidence and a good self-image tend to do better in second language acquisition.*

(3) *Anxiety. Low anxiety appears to be conducive to second language acquisition, whether measured as personal or classroom anxiety.*

finalidade de alcançar uma conclusão ampla.

As etapas da pesquisa compreenderam: revisão bibliográfica e pesquisa de campo. Nessa última fase, lançamos mão da técnica de pesquisa de documentação indireta, que se utiliza de testes e entrevistas com o intuito de coletar as informações necessárias (MEDEIROS, 2008).

Por meio do questionário (ver Apêndice A) coletamos dados sobre experiências e antecedentes dos informantes a fim de estabelecer uma interface entre seus desempenhos na L2 e as demais características que pudessem contribuir para a discussão, como os aspectos afetivos na aprendizagem. Desenvolvemos o questionário seguindo o modelo utilizado na tese de doutorado de Barboza (2013), com algumas adaptações para melhor se adequar a esta pesquisa. O questionário contou com uma aba de informações gerais, como, por exemplo, idade, sexo e local de nascimento, e outras nove perguntas.

O teste, por sua vez, dispôs de dez frases elaboradas pela pesquisadora (ver Apêndice B). Em cada uma dessas frases inserimos, ao final da sentença, uma palavra contendo a oclusiva alveolar surda [t] ou a oclusiva alveolar sonora [d], cujos ambientes fonológicos fossem propícios à palatalização. A fim de tentar equilibrar o número de sentenças, destinamos cinco frases para o fone [t] e outras cinco para o fone [d]. Escolhemos posicionar as palavras ao final da frase para evitar possíveis influências de sons subsequentes a elas.

As cinco palavras com o segmento [t] foram: *hot dog* “cachorro-quente”, *teacher* “professor”, *cat* “gato”, *eat* “comer”, *date* “data”. Em apenas uma delas — *teacher* — a oclusiva alveolar ocorreu em posição de onset e foi acompanhada pela vogal alta anterior [i]. Nas demais, a consoante [t] apareceu em posição de coda, sendo este um ambiente propício à inserção do [i] em razão da diferença de estrutura silábica entre o português e o inglês, já que, na língua inglesa, a estrutura silábica permite oclusivas na posição VC, o que não ocorre no português.

O segundo conjunto foi composto pelas palavras com o segmento [d]. As palavras selecionadas foram: *deep* “profundo”, *bad* “ruim”, *good* “bom”, *red* “vermelho”, *head* “cabeça”. Novamente, somente um dos vocábulos apresentou [d] em posição de onset — *deep* — ao passo que as demais oclusivas alveolares sonoras se localizaram em posição de coda, devido às mesmas razões abordadas anteriormente para o fone [t].

O local escolhido para a aplicação da pesquisa foi uma escola particular de línguas localizada em Taguatinga, Distrito Federal. Tivemos um total de 36 participantes, todos residentes em cidades satélites de Brasília. Selecionamos dois grupos etários como alvos deste estudo: crianças e adultos. Por criança, selecionamos indivíduos com idade entre 9 e 12 anos; e por adultos, aqueles maiores de 18 anos. A fim de delimitar o objeto de pesquisa, optamos,

assim, por não trabalhar com estudantes adolescentes.

Na primeira amostra de pesquisa, contamos com a participação de 18 crianças, sendo elas 13 do sexo masculino e 5 do sexo feminino. Das 18 crianças, 15 nasceram em Brasília, uma nasceu no Ceará, uma em Minas Gerais, e uma não soube informar sua naturalidade. Em relação ao nível, a maioria dos informantes eram do nível básico, sendo que nove estavam em seu primeiro semestre, um estava no segundo semestre, e sete estudavam o terceiro semestre. É válido salientar que a denominada Criança H foi a única exceção, ela declarou ser estudante de inglês há mais de dois anos.

Da segunda amostra de pesquisa composta por 16 adultos, 12 respondentes eram do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Com relação ao local de nascimento, oito nasceram em Brasília, dois em Goiás, dois na Paraíba, um em Belém, um no Maranhão, um em Minas Gerais e um participante não respondeu. Quanto ao nível de estudo desses 16 informantes, 13 estavam no primeiro semestre, dois estavam no segundo semestre, e um estava no terceiro semestre.

É importante ressaltar que dois participantes afirmaram no questionário ter 15 e 16 anos respectivamente, informação esta que só foi observada após a coleta de dados. Em razão de não estarem inseridos nas faixas etárias selecionadas, não consideramos seus dados válidos para a análise desta pesquisa.

A aplicação do experimento ocorreu dentro da escola-alvo durante um período de tempo cedido pelo professor das turmas participantes. De modo geral, os estudantes, bem como a equipe da escola, foram solícitos e prestativos com a pesquisa. Apenas um adulto, por não se sentir confortável o suficiente com a gravação de áudio, se negou a colaborar.

No que concerne ao modo de aplicação do experimento, os participantes, inicialmente, preencheram o questionário e, em seguida, realizaram de forma individual a leitura das dez frases-veículo que compunham o teste. Por conseguinte, o nosso *corpus* consistiu de um total de 180 frases lidas pelas 18 crianças e de 160 pelos 16 adultos. Nessa etapa, foi utilizado um aplicativo de gravação de áudio do aparelho celular da pesquisadora para registrar a leitura dos alunos.

Por fim, é válido esclarecer que na discussão adiante não utilizaremos todas as informações obtidas com o questionário, pois elegemos somente as com maior relevância e pertinência para o escopo da pesquisa.

Resultados e discussão dos dados

As descrições e discussões que serão apresentadas nesta seção referem-se ao desempenho das 18 crianças e dos 16 adultos participantes da pesquisa. Conforme explicado previamente na metodologia, o *corpus* consistiu de um total de 180 frases lidas pelo grupo das crianças e de 160 pelo grupo dos adultos.

Resultados

No Quadro 1, abaixo, consideramos como acertos as pronúncias não-palatalizadas e como erros as pronúncias palatalizadas. Os dados foram separados de acordo com as oclusivas-alvo deste estudo e com o posicionamento das mesmas na estrutura silábica. Dito isso, obtivemos os seguintes resultados:

Quadro 1 — Quantidade de acertos e erros nas posições de onset e coda de acordo com as pronúncias das crianças e dos adultos

	ACERTOS				ERROS			
	Onset		Coda		Onset		Coda	
	[t]	[d]	[t]	[d]	[t]	[d]	[t]	[d]
Crianças	18	18	46	62	0	0	26	10
Adultos	15	14	30	46	1	2	34	18

Fonte: Elaborado pelas autoras

De acordo com o Quadro 1, no que concerne à pronúncia das palavras em posição de onset, as 18 crianças garantiram o total máximo de acertos em suas leituras, não palatalizando nem a oclusiva alveolar surda, representada pela palavra *teacher*, nem a oclusiva alveolar sonora encontrada em *deep*. Ainda no que diz respeito a esse contexto silábico, os adultos obtiveram 15 acertos e 1 erro com relação ao fone [t], e 14 acertos e 2 erros para o fone [d]. É interessante destacar que o mesmo informante, o Adulto L, foi quem cometeu os erros em onset tanto na oclusiva [t] quanto na oclusiva [d].

Quanto à posição de coda, nas quatro frases com o segmento [t], o grupo das crianças garantiu o número de 46 acertos e 26 erros; e nas quatro sentenças com o segmento [d] em

posição de coda, elas atingiram a quantidade de 62 acertos e 10 erros. O grupo dos adultos, por outro lado, nos contextos de final de sílaba com o fone [t], obtiveram a quantidade de 30 acertos e 34 erros. E, nas frases com o fone [d] em posição de coda, eles totalizaram 46 acertos e 18 erros. Vale ressaltar que, objetivando observar a palatalização das oclusivas alveolares como um todo, não focamos em explicar os erros e acertos nas surdas e sonoras. Logo, na discussão que se segue consideramos os valores de ambas as oclusivas.

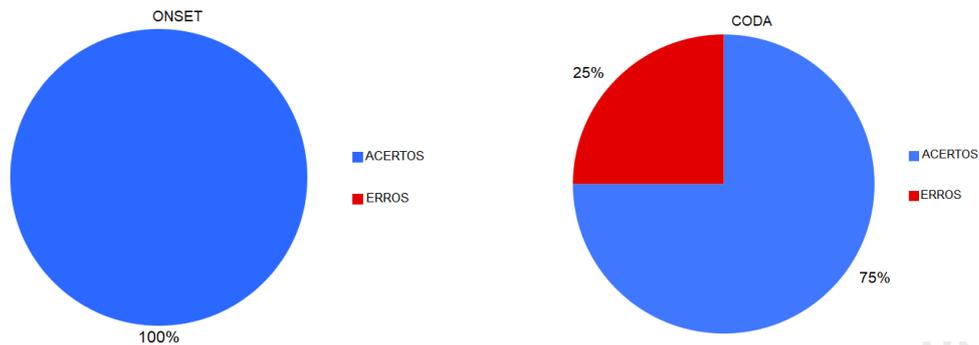
De modo geral, das leituras providas dos fones em posição de onset, obtivemos um total de 36 acertos e 0 erros para o grupo das crianças, e de 29 acertos e 3 erros para o grupo dos adultos. Nas demais frases, cujos segmentos analisados encontravam-se em posição de coda, as crianças obtiveram 108 acertos e 36 erros, e os adultos, 76 acertos e 52 erros. Adiante, iremos analisar os dados em gráficos, seus resultados e discuti-los.

Discussão

De acordo com Fromkin, Rodman e Hyams (2014), por meio do fenômeno da palatalização, tem-se uma modificação na produção fonética natural de um determinado segmento, de modo que o mesmo é realizado na altura da região do palato duro. Esta emergência da palatalização foi observada em grande parte dos resultados dessa pesquisa. Assim, em consonância com Seara et al (2015), há, na maioria dos dados aqui coletados, uma palatalização causada pela presença da vogal alta anterior não-arredondada. Desta forma, o falante, ao modificar os sons oclusivos alveolares [t] e [d] para africados alveopalatais [tʃ] e [dʒ], torna-os mais parecidos com seu som vizinho — a vogal [i]. Portanto, observamos que os ambientes nos quais as oclusivas estavam inseridas foram um elemento determinante para a palatalização.

Sob um ponto de análise percentual, no gráfico 1, observamos que o índice de acerto alcançado pelas crianças no que diz respeito à pronúncia dos fones em posição de onset foi de 100%. Isto é, em nenhuma das realizações fonéticas das palavras *teacher* e *deep*, constatamos a substituição dos sons oclusivos pelos africados. Já no gráfico 2, verificamos que o aproveitamento foi de 75% e a taxa de erro foi de 25% em relação aos vocábulos cujos segmentos oclusivos alveolares [t] e [d] aparecem em final de palavra.

Gráficos 1 e 2 — Percentual de acertos e erros das crianças em relação à pronúncia dos fones em posição de onset e coda

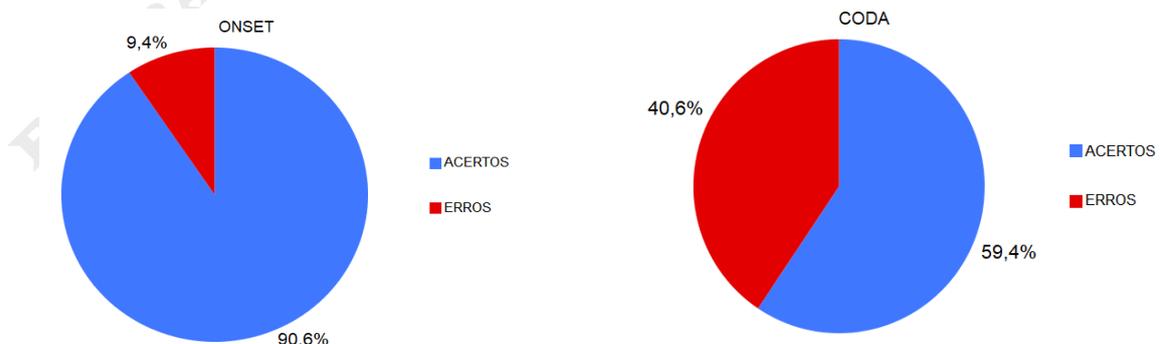


Fonte: Elaborado pelas autoras

Aqui cabe destacar o desempenho da Criança H que manteve uma notável regularidade em todas as suas pronúncias. Ela não palatalizou em nenhuma das frases e ainda conseguiu produzir os sons vocálicos corretamente. Essa informante foi a única que não estava nos semestres iniciais do curso de inglês, uma vez que declarou estudar a L2 há mais de dois anos. Podemos assim inferir que, dentro das limitações e do contexto do nosso estudo, o fator de tempo de estudo da língua inglesa se apresentou como elemento importante para um melhor desempenho.

Os adultos, por sua vez, tiveram um rendimento consideravelmente inferior. No gráfico 3, observamos que os informantes atingiram o percentual de acerto de 90,6%, e de erro de 9,4% nas palavras cujos fones se encontravam em posição de onset. Já no gráfico 4, referente à coda, notamos que eles acertaram 59,4% das leituras realizadas e erraram em 40,6% delas.

Gráficos 3 e 4 — Percentual de acertos e erros dos adultos em relação à pronúncia dos fones em posição de onset e coda



Fonte: Elaborado pelas autoras

Assim, de acordo com os gráficos 1, 2, 3 e 4, observamos que o maior percentual de palatalizações realizadas tanto pelas crianças quanto pelos adultos ocorreu nas palavras cujos segmentos alveolares encontravam-se em posição de coda. Isto pode levar a crer que o resultado está associado ao fato de que o maior número de exemplos disponibilizados para os participantes foi em posição final de sílaba¹⁷. Porém, acreditamos que este resultado está mais associado a explicações fonéticas.

Bettoni-Techio e Koerich (2006) explicam que as estruturas silábicas da língua inglesa e da língua portuguesa possuem organizações distintas. O falante, aprendiz de inglês, a fim de evitar a quebra do padrão silábico do português, transforma sílabas CVC em uma sequência CV.CV, inserindo uma vogal epentética ao final da consoante oclusiva. No caso das alveolares, eles também podem produzir a palatalização em conjunto com a epêntese vocálica. Isso pode explicar o fato de grande parte dos informantes ter realizado a palatalização apenas nas palavras que continham os segmentos [t] e [d] em posição de coda, como hipotetizamos no início deste estudo. O Adulto F, a título de exemplo, aplicou a regra silábica do português a todas as frases cujas oclusivas alveolares estavam em final de palavra.

Isto nos leva também às abordagens de Ellis (1994), que discute o fenômeno de transferência linguística. O autor afirma que pode haver uma interferência da L1 no aprendizado da L2. Neste sentido, associamos essa interferência aos erros cometidos pelos informantes deste estudo ao transferirem a palatalização para os vocábulos do inglês.

Ademais, observamos que ao comparar adultos e crianças temos, de acordo com os dados, uma diferença significativa entre o desempenho desses grupos etários. As crianças se sobressaíram no percentual de acertos tanto em posição de onset quanto de coda, pois obtiveram 9,4% a mais de acertos nos segmentos em posição inicial de sílaba e 15,6% a mais nas frases em posição final de sílaba. Esse rendimento superior das crianças na pronúncia da L2 pode ser justificado pela abordagem inatista da Hipótese do Período Crítico desenvolvida por Lenneberg (1967). Essa tese afirma que há um período crítico durante o qual é possível se adquirir linguagem, seja ela L1 ou L2, em níveis de proficiência compatíveis com os dos nativos. Entretanto, uma vez que esse período se encerra, muito provavelmente na fase da puberdade, essa habilidade declina e, conseqüentemente, dificulta o desenvolvimento das competências linguísticas. Portanto, entendemos que os adultos, por iniciarem o processo de aprendizagem de uma L2 após o período crítico — já que estão todos do nível básico — atingiram um nível de aproveitamento menor do que o das crianças.

¹⁷ Como foi detalhado anteriormente na metodologia, dentre as dez frases, oito apresentavam os segmentos em coda e duas encontravam-se em posição de onset.

Arelados ao fator fonológico e de idade, temos também os aspectos afetivos que norteiam a aprendizagem de uma L2. Os resultados da nossa pesquisa indicam que, dentre as 18 crianças respondentes, 12 declararam que se sentem confiantes ao falar em inglês, três responderam “às vezes” e outras três afirmaram não se sentirem confiantes para se comunicar na língua estrangeira. Diferentemente, dentre os 16 adultos, somente um afirmou se sentir confiante ao falar em inglês, um respondeu “às vezes”, e 14 adultos confessaram não ter confiança para se expressar em inglês.

Levando em consideração a influência das questões afetivas no processo de aquisição de língua, Krashen (1982), por meio da hipótese do *Affective Filter*, traz a autoconfiança como um dos elementos-chave responsáveis pelo alcance de um bom desempenho na L2. Desta forma, estudantes com um baixo nível de autoconfiança podem ter dificuldades de atingir graus elevados de proficiência, realidade esta que pode também se apresentar como uma das justificativas para o rendimento inferior dos adultos.

Considerações finais

Como foi observado ao longo dessa pesquisa, a palatalização sobre as oclusivas alveolares ocorre em ambientes fonéticos nos quais temos a presença da vogal alta anterior não-arredondada [i], condicionando os falantes a modificar os fones [t] e [d] para os africados alveopalatais [tʃ] e [dʒ], respectivamente.

As realizações das oclusivas alveolares se apresentam de modos distintos para o português e para o inglês. Na língua portuguesa, os fones [t] e [tʃ], bem como [d] e [dʒ], manifestam-se como alofones em distribuição complementar, sendo, portanto, representações fonéticas possíveis dos fonemas /t/ e /d/. Na língua inglesa, por sua vez, eles, além de alofones, são também fonemas. Assim, tendo em vista as diferenças entre ambas as línguas, os autores constataram que falantes tendem a aplicar regras de sua língua materna à língua-alvo, o que pode ser interpretado como uma forma de transferência linguística.

Vimos ainda que, considerando-se a aprendizagem de crianças e adultos, algumas colocações se fazem necessárias, como, por exemplo, a Hipótese do Período Crítico, que justifica, em parte, a crença de que os alunos na fase da pré-puberdade atingem níveis mais elevados de proficiência na L2 do que os estudantes adultos; as distinções entre os termos “aprendizagem” e “aquisição”, apresentada por Krashen (1983); e sua hipótese do *Affective Filter*, a qual apresenta a motivação, a autoconfiança e a ansiedade como elementos-chave para um bom desempenho na L2.

Por meio dos resultados aqui obtidos, observamos que tanto as crianças quanto os adultos realizaram a palatalização, principalmente, nas palavras cujas alveolares encontravam-se em posição de coda. Assim, aplicaram o padrão silábico do português à língua inglesa, transformando sequências CVC em sílabas CV.CV. Ademais, ainda de acordo com os dados, verificamos que o rendimento das informantes crianças foi superior ao dos adultos de modo significativo. Nesse caso, os fatores fonológicos, de idade, e afetivos, como observamos nas respostas dos questionários, foram determinantes para este resultado.

Diante do exposto, concluímos que o fenômeno da palatalização se mostrou como um evento possível de ocorrência na aprendizagem da língua inglesa independentemente da faixa etária. Logo, em função de sua recorrência e importância, o aprofundamento neste assunto pode ser objeto de estudo tanto de pesquisadores quanto de educadores focados em analisar as diferenças fonéticas e fonológicas entre o português e o inglês, bem como seus efeitos sobre o desempenho de aprendizes da língua inglesa. Como contribuição para o Curso de Letras, este estudo pode se apresentar como um meio de abranger o interesse de graduandos e futuros professores acerca do papel e relevância da fonética dentro do aprendizado de uma L2.

Referências

BARBOZA, Clerton Luiz Felix. **Efeitos da palatalização das oclusivas alveolares do português brasileiro no percurso de construção da fonologia do inglês língua estrangeira**. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8225>.

BETTONI-TECHIO, Melissa; KOERICH, Rosana Denise. Palatalization in Brazilian Portuguese/English Interphonology. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, [s. l.], v. 4, n. 7, p. 1-17, 2006. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/pt/edicoes/?id=7>. Acesso em:

CELCE-MURCIA, Marianne *et al.* **Teaching Pronunciation: a course book and reference guide**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2010.

DUTRA, Alessandra; PAIXÃO, Andréia de La Costa. A Palatalização das Oclusivas [t] e [d] na Aquisição do Inglês como Língua Estrangeira. **UNOPAR Científica Ciências Humanas e Educação**, Londrina, v. 11, n. 2, p.15-18, 2010. Disponível em: <https://revista.pgsskroton.com.br/index.php/ensino/issue/view/89>. Acesso em:

EDWARDS, Jette G. Hansen; ZAMPINI, Mary L. (ed.). **Phonology and Second Language Acquisition: Studies in bilingualism**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008.

ELLIS, Rod. **The Study of Second Language Acquisition**. Oxford: Oxford University Press,

1994.

FERRARI, Magaly. **A hipótese do período crítico no aprendizado da língua estrangeira analisada à luz do paradigma conexionista**. 2007. Tese (Doutorado em Letras) — Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/1839>.

FROMKIN, Victoria; RODMAN, Robert; HYAMS, Nina. **An Introduction to Language**. 10. ed. New York: Cengage Learning, 2014.

HERNANDORENA, Carmen Lúcia Matzenauer (org.). **Aquisição de Língua Materna e de Língua Estrangeira: Aspectos fonético-fonológicos**. Pelotas: Educat, 2001. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Livros/Aquisicao_LM_e_LE.pdf. Acesso em: 16 mar. 2018.

KRASHEN, Stephen D. The Din in the Head, Input, and the Language Acquisition Device. **Foreign Language Annals**, v. 16, n. 1, p. 41-44, 1983. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/toc/19449720/1983/16/1>.

KRASHEN, Stephen D. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Southern California: Pergamon Press Inc., 1982. Disponível em: http://www.sdkrashen.com/content/books/principles_and_practice.pdf. Acesso em: 19 abr. 2018.

LENNEBERG, Eric H. **Biological foundations of language**. New York: John Wiley and Sons, 1967.

MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto; MIRANDA, Ana Ruth Moresco. Aquisição de fonemas e alofones: bottom-up ou top-down?. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p.112-124, 2008. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo08.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2018.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MOSKOVSKY, Christo. The critical period hypothesis revisited. *In*: CONFERENCE OF THE AUSTRALIAN LINGUISTIC SOCIETY, 2001, Canberra. **Anais [...]**. Canberra: Australian Journal of Linguistics, 2001. Disponível em: <http://www.als.asn.au/proceedings/als2001.html>.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTO-VOLCÃO, Cristiane. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

SKANDERA, Paul; BURLEIGH, Peter. **A Manual of English Phonetics and Phonology: twelve lessons with an integrated course in phonetic transcription**. Dischingerweg: Gunter Narr Verlag Tübingen, 2005.

SPINASSÉ, Karen Pupp. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Revista Contingentia**, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 1-8, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/contingentia/issue/view/338>. Acesso em: 7 jun. 2018.

**THE PALATALIZATION OF ALVEOLAR STOPS IN ENGLISH LANGUAGE LEARNING
BY CHILDREN AND ADULTS SPEAKERS OF BRAZILIAN PORTUGUESE**

ABSTRACT

This article aims to analyze the articulatory production of alveolar stops, [t] and [d], performed by children and adults who are speakers of Brazilian Portuguese in the process of learning the English language. In order to verify which age group produces the most frequent palatalization, we analyzed the performance of 18 children, aged 9 to 12 years, and 16 adults, all over 18 years of age, through the application of a questionnaire and test. The questionnaire collected data on the informants' experiences, and the test had ten sentences containing, in final sentence position, a word with the alveolar voiceless stop [t] or the alveolar voiced stop [d] in syllabic contexts, onset and coda, that would be conducive to palatalization. Our discussion bases on the following authors: Bettoni-Techio e Koerich (2006); Ellis (1994); Fromkin, Rodman and Hyams (2014); Krashen (1982); Lenneberg (1967) and Seara et al (2015). As a result, we observed that the children excelled in the percentage of correct answers in both onset and coda positions.

Keywords: Phonetics; Palatalization; Alveolar Stops; Brazilian Portuguese; English language.

Envio: setembro/2018
Aceito para publicação: julho/2019

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário

Data: ___/___/___

Idade: _____

Sexo: (F) (M)

Local de nascimento: _____

Cidade onde mora: _____ Há quanto tempo: _____

Responda às perguntas abaixo com o máximo de veracidade possível.

1. Qual seu grau de escolaridade?

Ensino fundamental incompleto () Ensino médio incompleto () Ensino médio completo ()

Aluno de ensino superior () Graduado () Aluno de pós-graduação ()

Pós-graduado ()

2. Você já morou e/ou estudou fora do país? _____

3. Na sua casa se fala outra(s) língua(s) além do português? _____

Especifique qual(is) língua(s): _____

4. Há quanto tempo você estuda inglês?

Um semestre () Dois semestres () Três semestres ()

5. Quantas horas por semana você estuda inglês?

1 hora () 2 horas () 3 horas () Mais de 3 horas ()

6. Você mantém contato com a língua inglesa fora de sala de aula? Por meio de filmes, músicas, séries de TV, por exemplo. _____

Especifique qual(is) meio(s) _____

7. Você se considera uma pessoa tímida? _____

8. Você possui facilidade para falar em público? _____

9. Você se sente confiante ao falar inglês? _____

APÊNDICE B – Teste

O presente teste contará com gravação de áudio. Por favor, leia as frases abaixo em velocidade normal de fala.

1. I love hot dog.
2. She is my English teacher.
3. This is my cat.
4. I like to eat.
5. What is the date?
6. That river is deep.
7. I feel bad.
8. I am good.
9. My pencil is red.
10. Use your head.